

A opinião de um "expert"

As declarações do ex-ministro Mário Henrique Simonsen, a respeito da renegociação da dívida externa brasileira, devem ser interpretadas dentro de um contexto específico. Caso contrário, corre-se o risco de aceitação de uma tese — a de que os bancos privados não atribuem importância a um acordo com o FMI — sem a devida cautela.

Hoje, tornou-se fundamental, antes de tudo, reabrir as negociações com os credores. Esse foi o principal objetivo da visita do ministro Bresser Pereira aos Estados Unidos. Agora, trata-se de preparar a renegociação propriamente dita, com data marcada para setembro. Até lá, o principal desafio do ministro será convencer o PMDB da viabilidade e da necessidade de um acordo com o FMI, o qual não significará a implantação da recessão, aliás, já em curso.

É neste sentido que o pronunciamento do ex-ministro Simonsen deve ser entendido. Claro que os bancos

desejam ver a moratória suspensa e que um pagamento, mesmo simbólico, será bem-vindo. Sob esse ângulo, a importância de um acordo com o FMI passa para segundo plano, pelo menos em termos do impacto político que inevitavelmente acarreta no plano doméstico. Aliás, este acordo seria efetivamente secundário, não houvesse tanta ojeriza à instituição e a seu receituário que privilegia o curto prazo.

Na realidade, trata-se de uma questão de timing: mais cedo ou mais tarde, um acordo com o FMI deverá ser assinado, pois existe a pretensão de se ter acesso aos recursos japoneses. Ademais, o Brasil também atrasou seus pagamentos ao Fundo e, ainda que apresente um leque de opções para negociar, não poderá descartar pura e simplesmente a participação da referida instituição. Os credores acostumaram-se a atuar em bloco desde Bretton Woods e enquanto essa sistemá-

tica não mudar, os devedores deverão curvar-se a ela.

De momento, fica evidente que a capacidade de negociação do Brasil está atrelada a resultados de curto prazo: superávit comercial, baixa inflação e controle do déficit público. O plano macroeconômico procurou indicar que resultados quantitativos podem ser esperados, mas furtou-se a demonstrar como serão alcançados. É por isso que os credores irão avaliá-lo com cautela. O chamado apoio crítico que manifestaram até agora expressa simplesmente o reconhecimento de que a negociação voltou a ser possível: afinal, existe um plano, ainda que não seja o melhor.

Internamente, o ministro Bresser Pereira precisa de apoio para driblar as resistências políticas à sua estratégia de renegociação. O pronunciamento de Mário H. Simonsen faz parte desse apoio, mesmo porque sem ele a situação só tenderá a piorar.